**TEMA: O (MAL)DITO DA VELHICE**

**RESUMO**: O artigo traz uma reflexão desenvolvida em um trabalho de conclusão de curso I de psicologia sobre questões que permeiam o envelhecimento e morte, envolvendo mudanças e significados para os idosos. OBJETIVO: Analisar publicações científicas que abordam sentimentos dos idosos em relação ao processo de envelhecimento e morte. MÉTODO: Pesquisa bibliográfica, realizada com publicações da base de dados Scielo, no período de abril e maio de 2018. O corpus do estudo foi composto por dez publicações. RESULTADOS: Ficou notório que o envelhecimento e morte se constituem no processo natural da existência humana, porém nem sempre aceito pelos seres que a vivenciam. O medo de morrer, talvez um dos mais profundos sentimentos humanos na sociedade contemporânea, ainda é o medo do desconhecido, medo que indubitavelmente nos ronda desde o nascimento. Falar sobre o envelhecimento e morte abre uma nova perspectiva de mudança e de novo enlaço frente a este momento.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, morte, idosos, sentimentos.

**INTRODUÇÃO**

A população idosa tem aumentado no Brasil desde os anos de 1960, quando os meios de comunicação coletiva divulgaram o crescimento demográfico dessa parcela da população. Segundo Altiman (2011), desde a década de 1960 em diante a população idosa cresceu em ritmo mais acelerado que as populações adultas e jovens.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao longo dos anos, vem se intensificando consideravelmente o número de pessoas idosas no Brasil, caminhando para se tornar um país de população majoritariamente idosa. Esse aumento da longevidade deu-se com a melhoria nas condições de vida pelas quais o país passou nas últimas décadas, tais como a eficiência das estratégias de vacinação em larga escala e de prevenção de doenças infecciosas, os avanços tecnológicos da medicina, o aumento do acesso a rede pública de saneamento, ampliando cada vez mais a expectativa de vida das pessoas.

O envelhecimento é um processo natural que acontece de forma individual e gradativa. Com o tempo, ocorrem modificações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas no organismo de cada indivíduo. É entendido como um processo biológico, como uma etapa do desenvolvimento humano, assim como a adolescência que é reconhecida pela sociedade. O envelhecimento decorre da ação do tempo cronológico e esse tempo se apresenta como finito e infinito. O tempo individual da vida de cada ser humano é finito, se constitui quando se “esbarra” com o real, a morte biológica. O tempo infinito é subjetivo nas possibilidades de produzir eternidades que cada imaginário possui.

[...] envelhecer é uma experiência única para cada indivíduo, diversificada entre pessoas de um mesmo grupo social e heterogênea tanto entre indivíduos como em diferentes grupos sociais [...] o processo de envelhecimento, em função de sua múltipla determinação, implica diversidade, individualidade e variabilidade entre os indivíduos. (Bassit, 2004, p.143)

A velhice e a morte constituem fenômenos fortemente entrelaçados na cultura, evidenciando o fantasma da finitude. Isso fica explícito quando falamos da velhice. O reconhecimento dela pelo sujeito costuma envolver um olhar devolvido pelo mundo externo. Para Concentino e Viana (2011), a velhice por mais que seja racionalmente esperada, é percebida como surpresa, até mesmo com espanto. Não estamos preparados para a velhice, assim como não estamos preparados para a morte.

Para Borges e Mendes (2012), a morte é um problema dos seres humanos vivos. Embora a gente compartilhe nascimento, juventude, doença, maturidade, velhice e morte com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, sabem que morrerão. Se deparar ou pensar na própria finitude, para o ser humano é muito assustador. Sabemos que vamos morrer, mas não sabemos o que existe depois da morte ou se existe algo.

Diante do olhar do outro, do espelho, nos “esbarramos” com a velhice, no qual muitas pessoas se assustam com a presença da finitude. Finitude que apresenta algo tão temido, a morte. Passamos nossas vidas com a fantasia de sermos infinitos. Estamos diante de um imaginário, criado para nos proteger do inominável. Freud cita no texto *considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915)* que não acreditamos na nossa própria morte e que no inconsciente estamos convencidos da nossa imortalidade.

Aceitar a velhice leva ao conhecimento das próprias restrições e finitude, pois a mesma não tem início definido e possui um fim claramente estabelecido, a morte, que é o encontro com o real. Na sociedade em que vivemos, busca-se silenciar a morte e distanciar a velhice, ocultá-las do meio social e privado dos indivíduos. A velhice, assim como a morte é assimilada como inominável. Falar da velhice segundo Maud Mannoni (1995) é fazer um catálogo com tudo que enfraqueceu com a idade diante de mudanças nos aspectos físicos e psíquicos. Falar da velhice remete falar da morte. Morte de um corpo jovem que aponta nossos limites, trazendo uma expressão da mesma.

No imaginário social, a velhice é um processo acometido por desgastes, limitações, perdas físicas e de papéis sociais, no qual finda com a morte. Para kovács (1992), a velhice é a fase do desenvolvimento humano que carrega mais estigmas, perdas e atributos negativos. O que é velho pode estar associado a palavras que dão ênfase a decadência, inutilidade, dependência, estereótipos negativos.

A velhice pode ser vivida de duas maneiras, uma tranquila, como processo natural e a outra como uma fase ruim, indesejada. A partir desses fatos nota-se uma intolerância com a velhice e morte, no entanto, estas questões não são só dos “velhos”, é sim de todos nós. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar publicações científicas que abordam os sentimentos dos idosos em relação ao processo de envelhecimento e morte.

**REFERENCIAL TEÓRICO**

A morte está intensamente presente nas transformações que o envelhecimento impõe ao homem. Essa presença se dá no real, mas também, na esfera simbólica, culminando no processo de luto. As perdas vivenciadas na velhice se relacionam com a morte real de familiares, amigos, companheiros, do corpo, ao fim das relações de trabalho, ao relacionamento social e familiar. São vivenciadas muitas vezes concomitantemente.

O envelhecimento propicia o acúmulo de perdas, que significam mortes simbólicas: perde-se o vigor físico, entes queridos, a força das relações emocionais, o convívio social e também o seu valor como pessoa em uma sociedade pautada na produtividade (RIBEIRO et al, 2017, p. 887).

O envelhecimento corresponde ao processo evolutivo da vida, a morte configura-se um fenômeno natural e conclusivo, sendo assim inevitável. O ser humano tende a se afastar. A respeito desses aspectos, Cocentino e Viana (2011), afirmam que a velhice embora seja racionalmente esperada e previsível, é com frequência percebida pelo sujeito que envelhece com surpresa. E essa percepção da própria velhice ocorrer a partir de um olhar devolvido por um outro externo ao sujeito.

A morte não costuma ser vista como um fenômeno espontâneo, e sim, como um acontecimento que faz parte do desenvolvimento de todos os seres vivos. Para Kovács (1992) a vida e a morte não estão separadas, fazem parte do mesmo processo e começamos a morrer no instante em que nascemos.

De acordo com Cherix (2018) na aparição da velhice o corpo se torna mais exposto e mais presente na vida diária e psíquica do indivíduo. Na escuta ao idoso é perceptível em suas falas, queixas e preocupações acerca de seu corpo. Este corpo que lhe é familiar, o constitui e que lhe pertence passa a ter outra significação, torna-se para este algo ameaçador e desconhecido.

Na atualidade ser velho é algo desencorajador, tendo em vista que o aceno da vida coloca a juventude como ápice a ser seguido e adorado. O silencio acerca do que ronda a velhice continua instaurado com os processos de tornar-se jovem por meio dos cuidados pessoais e de práticas de vida adequadas e que sem elas o processo de envelhecer é mais rápido.

Em mal-estar na civilização Freud (1930/1936) postula acerca das relações advindas dos laços socias, ou seja, o mundo externo onde tal laço causa maior sofrimento no indivíduo o conotando acerca de si nesse lugar e delimitando seu corpo o qual está diferente do cenário que se encontra que o esbarra na diferenciação consigo mesmo quando foi jovem. (CASTILHO, 2018)

Para Consoante Cherix (2018) a diminuição da funcionalidade corpórea concebe uma marca psíquica no indivíduo que revive o complexo da castração. Conforme este sujeito lidou com a castração durante o complexo de édipo na puerícia e na sua vida, ele poderá aceitar ou recusar o que está acontecendo, podendo encontrar na passividade uma origem de prazer, ou em uma sociedade que exalta a juventude e a exibição, se ver ameaçado e se defender. Tais indivíduos com traços narcísicos não querem abrir mão do que foram e acabam por não se reposicionar frente aos desenvolvimentos naturais da vida.

**METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo bibliográfico, desenvolvido com publicações cientificas. A coleta de dados foi realizada no período de abril e maio de 2018 com publicações na base de dado SCIELO, utilizando os cruzamentos das seguintes palavras-chave: envelhecimento, morte e idoso. O corpus do estudo foi composto por dez publicações.

Foram incluídas publicações de 2013 a 2018, com literatura nacional que tratassem sobre a temática do estudo e estivessem disponíveis eletronicamente. Os artigos selecionados abordam os sentimentos vivenciados pelos idosos diante desses dois fenômenos: envelhecimento e morte.

Na análise bibliográfica foi utilizado a abordagem qualitativa uma vez que essa permite entrar em profundidade na essência do tema. Segundo Filho Farias e Filho Arruda (2013), a pesquisa qualitativa parte de uma visão de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o pesquisador, entre o mundo objetivo e a subjetividade de quem observa e que não pode ser quantificada. O pesquisar busca descrever uma determinada hipótese, analisar interações entre as variáveis e interpretar os dados. O pesquisador, através da pesquisa qualitativa analisa os dados subjetivamente, pois sua preocupação é com o fenômeno.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos artigos, ficou notório que envelhecimento e morte, processo natural da existência humana, nem sempre é aceito pelos seres que a vivenciam. O medo de morrer, talvez um dos mais profundos sentimentos humanos, na sociedade contemporânea ainda é o medo do desconhecido, o medo que indubitavelmente nos ronda desde o nascimento. A cada dia há mais procuras de barrar este real no corpo, a partir das novas tecnologias que diminuem a ação do tempo, pois o corpo no período da velhice já não é mais o mesmo. Os sentimentos que perpassam este idoso sobre este processo que se chega a ele são muitos: medo da morte, de ficar sozinho, de ser abandonado. Muitos passam a não querer mais sair de casa, a não se acharem mais atraentes e seu laço social neste período por muitas vezes se torna enfraquecido.

Como último, mas não menos importante, traço característico de uma cultura, devemos considerar a forma na qual são reguladas as relações dos homens entres si. Ou seja, as relações sociais que concernem ao indivíduo enquanto vizinho, colaborador, ou objeto sexual de outro, enquanto membro de uma família ou de um Estado. (Freud, 1930/1936, p. 36)

Segundo Concentino e Viana (2011), tendemos a lembrar e refletir sobre a própria mortalidade com maior facilidade e constância que do próprio processo do envelhecimento, no qual a morte é uma possibilidade em todas as idades. A velhice é vivenciada subjetivamente como uma possibilidade longínqua, no qual é negada. O idoso é a representação de um projeto que não queremos ver em nós, sendo negligenciado pela sociedade.

Assim, o idoso é a imagem do reflexo do espelho, o qual por muitas vezes a sociedade tenta retirar, mas que se encontra no dia a dia de nossa vivencia. Para Lacan (1998), pensar acerca da velhice é pensar todos os processos da historicidade de vida corpórea e subjetiva que cada um passa durante a vida. A velhice é um patamar o qual muitos almejam chegar, mas poucos conseguem se ver neste lugar. Pensar os ideais de aceitação que ocorrem neste período nos contorcem acerca de nossa própria visão frente ao outro e a nós mesmos. O encontro com este lugar deve ser um encontro de aceitação, pois é um encontro com o mais íntimo amigo e inimigo do homem, sua finitude. Refletir sobre a velhice e morte é pensar a vida que foi vivida e os laços que foram construídos no decorrer dos dias. É pensar os elos perdidos e a realidade que se chega.

Para Leary (1990) trazer a fala, diálogos acerca deste momento da vida, é de suma importância para o aproveitamento desta fase que se inicia. Há dualidades nesta fase que se encontram em todos os ápices da existência e que podem ser aproveitados ou não. Rever conceitos e &- palavrear &- acerca deste momento pode dar um outro aspecto e assenso neste percurso que pode ser longo ou curto.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do acima exposto fica perceptível que legitimar o envelhecimento e a morte possibilita uma elaboração com a única certeza da natureza humana, o real do -&decesso&-. Encarar esse momento difícil é trazer a si a ruptura do elo de ligação primeiro, este que foi rompido e que perpassa a psique para ser encontrado com seu próprio desejo.

Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto do ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o inicio de um novo laço. (FREUD, 1921\1996, p.117).

Dar sentido a este momento é compreender este processo como algo natural e inevitável. É uma etapa que deve ser nomeada, permitindo significações individuais e subjetivas concernentes ao sujeito. É a partir dessa oportunidade de fala que o sujeito pode se ouvir, percebendo seu lugar no tempo e na sociedade criando novos caminhos, a partir de um novo enlace, conotando novos desejos permitindo-se assim viver este processo.

**REFERÊNCIAS**

ALTMAN, M. O envelhecimento à luz da psicanálise.**J. psicanal.**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 19320 6, jun. 2011.Disponívelem<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S010358352011000100016&lng=pt&nrm=iso>.

BORGES, M.D.; MENDES, N. Vivências perante a morte: representações sociais de familiares de pacientes fora de possibilidades de cura. **Ver. Min. Enferm**., v. 16, n. 2, p. 217-224, jun., 2012. Disponível em: http://bs es.bire me.br/cgibin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src= google&base=BDENF&lang=p&nextAction =lnk&exprSearch=22706&indexSearch=ID

BASSIT, A.Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (Orgs.). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.137-57.

CASTILHO, G. (2018). Psicanálise e velhice: o "idoso" é obsoleto?. [online] Pepsic.bvsalud.org. Available at: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100006> [Accessed 5 Sep. 2018].

CHERIX, K. (2018). Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. [online] <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003>

COCENTINO, J. M. B.; VIANA, T. C.; A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto.**Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591-599, 2011. Disponível em:<http://www. scielo.br/scielo .php?script=sci\_arttext&pid=S180998232011000300018&lng=en&nrm=iso>.

FILHO FARIAS, M. C.; ARRUDA FILHO, E. J. M. **Planejamento da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2013.

FREUD. S. 1856-1939. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.** São Paulo: Companhia das letras, 2014.

FREUD. S. 1856-1939. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

FREUD. S. (1996). Psicologia de grupo e analise do ego (E. A. M. de Souza, Trad.). In J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII, pp 79-159) Rio de Janeiro: imago. (Originalmente publicado em 1921)

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento** humano. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 4; a relação de objeto** (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LEARY, D.E. (1990). **Psyche’s muse: The role of metaphor in the history of Psychology**. In: D. E. Leary (Org.), Metaphor in the history of Psychology(pp. 1-78). Cambridge: Cambridge U. Press.

MANNONI, M. **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

RIBEIRO, M. S.; BORGES, M. S.; ARAÚJO, T. C. C. F.; SOUZA, M. C. S. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 880-888, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rbgg/ v20n6/](http://www.scielo.br/pdf/rbgg/%20v20n6/) pt\_1809 -9823-rbgg-20-06-00869.pdf